

**A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: reflexão**  
sobre as práticas metodológicas de dois docentes de língua portuguesa de uma  
escola estadual de Macapá/AP

Beatriz Batista dos Santos<sup>1</sup>  
Kácia Kissy de Souza Pantoja<sup>2</sup>  
Layane Thielle Pimentel Pires<sup>3</sup>  
Silvio Nazareno de Sousa Gomes<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este artigo intitulado “A formação de leitores no 7º ano do Ensino Fundamental: reflexão sobre as práticas metodológicas de dois docentes de língua portuguesa de uma escola estadual de Macapá/AP” tem como objetivo geral analisar se as práticas metodológicas aplicadas por dois professores de 7º ano de uma escola estadual da capital amapaense viabilizam a formação de um ambiente propício para o desenvolvimento da prática de leitura dos alunos de duas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa ancora-se no seguinte problema: Quais as práticas metodológicas utilizadas por uma escola estadual da capital amapaense possibilitam a criação de um ambiente propício para o desenvolvimento da prática da leitura de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental? A investigação parte da hipótese de que a escola estadual pesquisada, enquanto instituição responsável pela formação cultural e de desenvolvimento da competência leitora e escrita, não tem cumprido com o seu papel na formação de leitores críticos e reflexivos, tanto na disponibilidade de recursos didáticos quanto na atuação pedagógica de seus profissionais. A pesquisa que se caracteriza como bibliográfica e descritiva de campo, de caráter quali-quantitativo, desenvolveu-se na Escola Estadual Deusolina Salles Farias por meio de questionários aplicados a dois professores de Língua Portuguesa e alunos de duas turmas de 7º ano. Os resultados do estudo demonstram que a escola pesquisada, enquanto instituição responsável pela formação cultural e de desenvolvimento da competência leitora e escrita, não tem cumprido com o seu papel na formação de leitores críticos e reflexivos.

**Palavras-chave:** Formação de leitores. Ensino Fundamental. Práticas metodológicas. Professores de Língua Portuguesa. Alunos.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 7º semestre do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, do Instituto de Ensino Superior do Amapá/AP. E-mail: bia.batistasantos@hotmail.com.

<sup>2</sup> Acadêmica do 7º semestre do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, do Instituto de Ensino Superior do Amapá/AP. E-mail: kassia-08-kiss@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do 7º semestre do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, do Instituto de Ensino Superior do Amapá/AP. E-mail: layane.pimentel.pires@hotmail.com.

<sup>4</sup> Mestre em Letras, com área de concentração “Linguagens e Letramentos” pela Universidade Federal do Pará – UFPA/PA, Docente do Curso de Letras do Instituto de Ensino Superior do Amapá, onde ministra a disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail: silviogomes11@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

A escolarização tem como principal objetivo conduzir os alunos a buscar o conhecimento científico articulado aos conhecimentos empírico filosófico e teológico. Entretanto, quando se refere à leitura, diversos são os fatores que têm concebido à escola, em sua maioria, a ideia do fracasso.

Tais desafios remetem à falta de estrutura da escola, como disponibilidade de biblioteca, salas especializadas e desenvolvimento de projetos educativos de incentivo à leitura. Vale ressaltar que nesse contexto em muitos casos ocorre o despreparo de docentes, já que os educadores, em sua maioria, não têm o hábito de ler, e isso reflete negativamente na sua prática em sala de aula, além de que apresentam uma preocupação voltada a conteúdos gramaticais, como também, a falta de apoio e incentivo da família, já que se trata de uma instituição que também constitucionalmente tem responsabilidades com o desenvolvimento pessoal de seus filhos, ou seja, pode viabilizar meios de acompanhamento no contexto familiar que conduza a criança ao hábito da leitura.

Dados do Censo Escolar de 2011 a 2015 revelam que, apesar das discussões realizadas entre os governos e a comunidade escolar, a disponibilidade de espaços como a biblioteca e a sala de leitura caminha a passos lentos. Nesses dados, em especial, as escolas públicas das áreas rural e urbana do Estado do Amapá, avançaram de apenas 33% para 35% no que se refere à participação dos alunos no ambiente bibliotecário e, 25% para 31% quanto à disponibilidade de salas de leitura.

Em um cenário como este, resta aos professores e pais de alunos a responsabilidade de ampliar horizontes diante de uma sociedade exigente e em constante evolução, na qual tudo gira em torno do conhecimento. Não cabe mais reproduzir indivíduo alfabetizado que apenas saiba ler e escrever, essa condição tem-se revelado insuficiente para atender adequadamente a demanda da atualidade. Saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso ser capaz de, não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Surge a necessidade em estimular o prazer pela leitura e escrita e despertar nos alunos o interesse pelas diferentes formas de leitura por meio dos mais diversos gêneros textuais atribuindo significado aos textos lidos. A questão da leitura é um

desafio permanente que implica na reflexão sobre as práticas e as concepções adotadas para inserir o aluno no mundo letrado. Ao se utilizar diferentes gêneros textuais em sala de aula, pode-se ter uma intervenção ativa do professor e o desenvolvimento de uma didática dinâmica.

Dessa maneira, este estudo tem como objetivo geral analisar se as práticas metodológicas aplicadas por dois professores de língua portuguesa de uma escola estadual da capital amapaense viabilizam a formação de um ambiente propício para o desenvolvimento da prática de leitura dos alunos de duas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental com base em aspectos conceituais sobre o ato de ler no processo de ensino aprendizagem por meio de gêneros textuais como ferramenta ao estímulo de diferentes formas de leitura, além de investigar as estratégias apresentadas pelos dois professores para a formação de leitores tanto dentro quanto fora de sala de aula.

Portanto, a título de organização, este texto, além da introdução, a qual explicita uma breve demonstração sobre a importância da leitura para o desenvolvimento de alunos leitores, está dividida em três seções, a primeira, que contempla a abordagem teórica a qual sedimenta o estudo, com base em autores que defendem práticas metodológicas para o ensino de leitura eficiente em sala de aula; a segunda, que destaca a trilha metodológica para a concretização da pesquisa; a terceira, que demonstra a análise dos resultados obtidos com a aplicação dos questionários aos sujeitos da pesquisa; e por fim tecemos as nossas considerações finais sobre a investigação desenvolvida no lócus da pesquisa.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E O ATO DE LER NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

O ato de ler consiste em uma das formas mais eficazes para o desenvolvimento dos indivíduos. Através da leitura o homem interage com outros homens por meio da palavra escrita. Logo, este é um processo interativo, onde o leitor dá sentido ao texto e a palavra escrita ganha significados a partir da ação do leitor sobre ela. A diversidade de textos proposta durante as atividades escolares permite que o aluno se familiarize com as características discursivas dos diferentes

gêneros e favorece também atividades de reconhecimento e compreensão da intertextualidade.

Os gêneros textuais compreendem diferentes espécies de texto, escritos ou falados reconhecidos com facilidade pelas pessoas, apresentam-se como uma ferramenta capaz de facilitar e aprimorar o processo de desenvolvimento da leitura com autonomia. Segundo Albuquerque (2007), a leitura e a produção de diferentes textos são tarefas imprescindíveis para a formação de pessoas letradas. É preciso ler e produzir textos diferentes para atender a finalidades diferenciadas, a fim de que se supere o ler e a escrever para apenas aprender a ler e a escrever.

Nota-se, portanto, que o uso da linguagem está enraizado à vida humana e é objeto de estudo ao longo da história das sociedades por diversos pesquisadores, teóricos e educadores. Neste sentido, faz-se necessário que docente acompanhe essas evoluções para lograr êxito no desempenho de suas práticas pedagógicas em sala de aula.

A aprendizagem caracteriza-se por ter uma perspectiva inclusiva, já que as crianças vivem em uma sociedade cuja cultura dominante é a letrada. Desde cedo elas constroem conhecimentos prévios sobre o sistema de representação e o significado da leitura e da escrita, sendo esses conhecimentos incorporados da valorização social que tem a aquisição do ler e escrever.

Ler é condição necessária para a conquista da cidadania e participação social, para o acesso a informações que circulam das mais diversas maneiras, assim como para ingressar no mundo do trabalho. No entanto, conforme Rauen (2008), mesmo diante de sua relevância, a leitura ainda é praticada por um número muito pequeno de brasileiros.

Antigamente, segundo Sá (2011), a leitura era elitizada e classificava seu leitor a partir de conhecimento enciclopédico e não a partir do fato de que viver bem e resolver os dilemas desta vivência são consequências naturais de uma interpretação particular do mundo. A leitura e o domínio da linguagem, atualmente, são considerados instrumentos de apropriação de conhecimentos que contribuem para melhor desenvolvimento e realização pessoais, maior grau de autonomia para o indivíduo atuar na sociedade, condições para o exercício pleno da cidadania.

Schutz, Méa e Gonçalves (2009) compreendem a leitura como um processo interativo, haja vista que se acionam e interagem os diversos conhecimentos do leitor a todo o momento para chegar-se a compreensão do que se lê. Para Silva

(2013), a leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor.

É interessante destacar que aquilo que é considerado leitura para a escola está limitado basicamente ao seu próprio meio, ou seja, os textos trabalhados em sala de aula se reduzem a uma interpretação pré-definida, pois o professor já tem em seus objetivos, o que deseja para a aprendizagem dos alunos – geralmente de cunho gramatical ou ortográfico –, quando deveria traçar seus objetivos no que os alunos necessitam aprender a partir do texto lido. Nesse sentido, Rocha (2008, p. 26) argumenta que:

[...] problemas com o ensino da leitura nas escolas, muitas vezes decorrentes de práticas centradas em concepção de texto como mero repositório de informações e de leitura como ato de decodificação, em que o trabalho com leitura enfatiza, prioritariamente, o ensino da gramática, da ortografia, da escrita-padrão.

Sobre essa prática que não forma leitores proficientes, Geraldi (2006) também enfatiza que a leitura na escola visa somente ao ensino de normas ao aluno, fazendo dele um receptáculo de informações, em que o conceito de leitura enquanto processo interativo é raramente realizado na sala de aula. Entretanto, o aluno a ser alfabetizado e letrado deve ser visto como alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu, conseqüentemente, um ser capaz de construir seu próprio conhecimento, desde que haja suporte para tal, podendo assim, elaborar suas próprias ideias sobre o sistema de escrita.

Formar leitores é algo que requer, portanto, consoante Melendes e Silva (2008), condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restrinjam apenas aos recursos materiais, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) relata-nos que são necessárias propostas didáticas orientadas no sentido de formar leitores, apresentando algumas sugestões para o trabalho com os alunos, que podem servir de referência para a criação de outras propostas. Neste sentido, propõe: leitura diária, leitura colaborativa, projetos de leitura, atividades

sequenciadas de leitura, atividades permanentes de leitura, leitura feita pelo professor. Enfim, “uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever” (BRASIL, 1997, p.65).

Portanto, para que este processo seja possível a escola deve proporcionar aos alunos o contato com diferentes gêneros e suportes de textos escritos, através, por exemplo, da vivência e do conhecimento dos espaços de circulação dos textos, das formas de aquisição e acesso aos textos e dos diversos suportes da escrita. Dessa forma, será possível ampliar o grau de letramento dos alunos, visto que se a prática de leitura for abordada para que os alunos se transformem em construtores de sentidos de textos, os processos de alfabetização e letramento serão vistos indissociáveis em sala de aula.

## 1.2 GÊNEROS TEXTUAIS E SUAS POSSIBILIDADES AO INCENTIVO DA LEITURA

A perspectiva de ensino da língua baseada no conceito de gênero está pautada num conceito de língua como interação, compreende a escrita como prática social e reconhece que todo texto, oral ou escrito, realiza um propósito particular em uma situação específica. A noção de gênero vem descrever a relação entre o propósito social do texto e sua estrutura linguística (SANTOS, 2007).

Neste sentido, o ensino da língua que visa ao domínio textual requer uma intervenção ativa do professor e o desenvolvimento de uma didática específica, já que o ensino da produção textual e da leitura não pode ser o mesmo para todo e qualquer gênero a ser estudado. Tendo em vista que, os gêneros textuais são oriundos de situações e fatos sociais, que acontecem dentro e fora do ambiente escolar, nas situações cotidianas que evocam sua existência.

De acordo com Brasil (2012), na segunda metade do século XX, muitos documentos oficiais e propostas curriculares foram reelaborados e começaram a trazer concepções teóricas, buscando instaurar um movimento de mudanças nas práticas docentes. Tal tendência foi reafirmada e ampliada no início deste século. Uma destas mudanças se refere à concepção de língua, agora compreendida como ação entre sujeitos.

Dentro dessa perspectiva, o objetivo da escola é garantir a apropriação pelos alunos das práticas de linguagem instauradas na sociedade para que eles possam

ter participação social efetiva. Entretanto, Brasil (2012) considera que, devido a uma multiplicidade de gêneros textuais existentes em cada sociedade, a escola não tem condições de ensinar todos eles. Diante disso, muitos professores se veem com várias dúvidas sobre quais gêneros escolher para seu trabalho em sala de aula.

A esse respeito, não se trata de criar uma espécie de gradação dos gêneros e começar a estabelecer uma hierarquia entre eles, determinando quais devem ser explorados em cada ano. Para Neves (2011), os gêneros são de difícil definição e são, portanto, caracterizados em relação à sua função comunicativa. Assim, se aspectos linguísticos estruturais são às vezes relegados a segundo plano quando se trata de definir um gênero, em muitos casos, são justamente as formas que o determinam; em outros casos ainda sua função é o parâmetro para distingui-lo de outro.

Entretanto, o uso dos gêneros textuais se tornou a base e o eixo norteador do ensino, mas questionamentos quanto a sua didática circundam as discussões educacionais, a começar pela sua escolha. Pois, saber qual gênero textual melhor se adapta a um universo e de que forma trabalhá-lo é, para muitos, uma grande dúvida. Diante das semelhanças e diferenças entre os gêneros textuais, Brasil (2012) os organizou em onze grupos, levando em consideração que, em todas as etapas de escolaridade, sejam realizados estudos sistemáticos, por meio de diferentes formas de organização do trabalho pedagógico de gêneros pertencentes a estes onze agrupamentos, tais como:

- Textos literários ficcionais: são textos voltados para a narrativa de fatos e episódios do mundo imaginário (não real). Entre estes, podemos destacar: contos, lendas, fábulas, crônicas, obras teatrais, novelas;
- Textos do patrimônio oral, poemas e letras de músicas: os textos do patrimônio oral, logo que são produzidos têm autoria, mas, depois, sem um registro escrito, tornam-se anônimos, passando a ser patrimônio das comunidades. São exemplos: os trava-línguas, parlendas, quadrinhas, adivinhas, provérbios. Também fazem parte do segundo agrupamento os poemas e as letras de músicas;
- Textos com a finalidade de debater temas que suscitam pontos de vista diferentes, buscando o convencimento do outro: os sujeitos exercitam suas capacidades argumentativas. Cartas de reclamação, cartas de leitores, artigos de

opinião, editoriais, debates regrados e reportagens são exemplos de textos com tais finalidades.

Constata-se que, os gêneros textuais são oriundos de situações e fatos sociais, que acontecem dentro e fora do ambiente escolar, nas situações cotidianas que evocam sua existência. Para Bazerman (2006, p. 22), “Cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e dependentes de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social”. O texto cria para o leitor um fato social que é realizado através de formas textuais padronizadas, que são os gêneros. Neste sentido, um gênero pode ser reconhecido pela sua circulação no contexto social, através de características textuais familiares, que facilitam a caracterização.

Trabalhar com gêneros textuais permite relacionar diferentes áreas de conhecimento, contribuindo para o aprendizado e a aplicação da escrita e da leitura. Para uma compreensão clara de gênero, é preciso estabelecer a diferença entre tipos e gêneros textuais, nem sempre muito clara em livros didáticos. Saber diferenciar gênero textual e tipo textual é importante para o professor direcionar o trabalho em sala de aula (EBERT, 2006).

Ao inserir diversos gêneros textuais nas práticas didáticas, o professor coloca o aluno em contato não somente com os gêneros produzidos na escola, mas também com outros produzidos fora dela, em diversas áreas de conhecimento. O gênero precisa ser apresentado na perspectiva de que é variável e que ajuda a perceber e modificar o mundo. Para Neves (2011), uma questão importante a ser ressaltada diz respeito à importância do contexto. Na concepção atual de ensino da língua tornou-se importante trabalhar com o contexto e formar o indivíduo como um falante ativo de sua língua, fazendo com que ele consiga utilizar os recursos linguísticos disponíveis. Ao se trabalhar a partir dos gêneros, é permitido o contato do aluno com as produções da sociedade, as quais são importantes para que ele reconheça e interprete o mundo à sua volta. Sobre isso, Coscarelli (207, p.6) postula que:

A ideia de trabalhar em sala com gêneros textuais tem muito a contribuir para o desafio do professor de fazer com que seus alunos sejam leitores fluentes e escritores de bons textos. Mas para que funcione como parte de uma proposta didática, a noção de gênero textual não pode se despir do contexto comunicativo que a reveste. É preciso que o gênero traga consigo as condições de produção e recepção dos textos.



Portanto, a diversidade de gêneros ajuda na ampliação do universo cultural e no contato constante com o mundo letrado. Um gênero selecionado pelo professor e trabalhado em sala de aula proporciona o surgimento de outros gêneros, criados pelos alunos, relatos de experiências e vivências. O uso da escrita e da leitura deve enfatizar a função-autor, que não é exclusividade do alfabetizado.

## **2 METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

Para que fosse possível atingir o objetivo proposto, foram traçados procedimentos metodológicos no decorrer do estudo, devidamente caracterizados abaixo.

### **2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

#### **2.1.1 Modalidades da pesquisa**

Foi adotada pesquisa bibliográfica e descritiva de campo. Segundo Gil (2010), a pesquisa de natureza bibliográfica pode ser definida como a busca de uma problematização de um projeto de pesquisa constituída, principalmente, a partir de referências publicadas, como livros e artigos científicos. Logo, visa produzir novas ideias tanto para solução de um problema ou fornecer novas fontes de pesquisa. Quanto ao estudo de campo, Gil (2010) destaca que, aprofundam mais as questões propostas, estudando um único grupo ou comunidade, e seu planejamento apresenta maior flexibilidade. As pesquisas exploratórias, por sua vez, procuram o desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos e ideias, buscando realização quando o tema escolhido é pouco explorado.

#### **2.1.2 Abordagem do problema**

A abordagem do problema foi definida a partir de estudo qualitativo e quantitativo, visto que Gerhardt e Silveira (2009) esclarecem que, a abordagem qualitativa, preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações

sociais, e que o estudo quantitativo, compreende os atributos mensuráveis da experiência humana.

### **2.1.3 Tipologia da pesquisa**

A pesquisa consistiu em exploratória por meio de informações bibliográficas. Gil (2010, p. 27) define que, a pesquisa exploratória “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

## **2.2 MÉTODOS DE ABORDAGEM**

Nesta pesquisa optou-se pelo método hipotético-dedutivo, que foi proposto por Popper, o qual consiste no raciocínio de que quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Assim, para tentar explicar a dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas (GIL, 2010). Através deste método, procuram-se evidências empíricas para derrubar as hipóteses. Logo, a partir dessas etapas que envolvem a relação entre pesquisador e objeto do conhecimento, deduz-se encaminhamentos metodológicos da pesquisa.

## **2.3 MÉTODOS DE PROCEDIMENTO**

Neste estudo, para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, junto aos autores que abordam sobre o ato de ler e a formação de leitura na escola, foram coletados dados em livros, revistas científicas, teses e dissertações, buscando sustentar a investigação em um referencial teórico consistente, além de ter sido realizada observação participante durante a pesquisa descritiva de campo.

Para a análise dos dados da pesquisa, a investigação apoiou-se em Moroz (2002), que postula que essa é a fase em que se tem visão geral dos resultados obtidos. E para que a essa etapa se efetivasse organizaram-se os dados coletados

através dos questionários, buscando explicações adequadas para o problema evidenciado.

Dessa forma, foi realizada a tabulação dos dados por categoria, representados em tabelas, separando-se os elementos coletados nas entrevistas e observações para resumir as informações básicas em quadros e gráficos. Nesse sentido, foi traçada a descrição dos dados apresentados estabelecendo relações entre os mesmos e, fazendo a interação dos dados à luz do marco teórico.

### **2.3.1 Instrumentos para a coleta de dados**

Para a coleta dos dados foram aplicados questionários aos participantes da pesquisa. Os questionários compreendem perguntas estruturadas, sendo elas questões de múltipla escolha, em sua maioria, e questões abertas. Segundo Gil (2010), o uso de questionários estruturados possibilita o tratamento quantitativo dos dados, tornando-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais. Algumas de suas principais vantagens estão na sua rapidez e no fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores, o que implica em custos relativamente baixos. Outra vantagem é possibilitar a análise estatística dos dados, já que as respostas obtidas são padronizadas.

## **2.4 CONTEXTO DA PESQUISA**

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual Deusolina Salles Farias, da cidade de Macapá/AP. A instituição oferta matrículas para alunos do Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No que se refere a infraestrutura, tem água de poço artesiano, água filtrada, energia da rede pública, fossa, lixo destinado à coleta periódica e acesso à internet banda larga. Com um montante de 132 funcionários, suas dependências compreendem: 22 salas de aulas, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, alimentação escolar para os alunos, cozinha, biblioteca, sala de leitura, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade

reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório, pátio coberto e área verde.

Como ferramentas para a prestação de um serviço de boa qualidade contam o auxílio de computadores administrativos, computadores para alunos, televisão, copiadora, equipamento de som, impressora, equipamentos de multimídia, videocassete, aparelho de DVD, antena parabólica, retroprojeter, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (datashow) e câmera fotográfica/filmadora.

## 2.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Foram entrevistadas 2 (duas) professoras de Língua Portuguesa do 7º ano do Ensino Fundamental da escola campo. Uma professora tem 50 anos de idade, graduada em Pedagogia, pós-graduada em Educação especial e inclusiva e 25 anos de atuação na área educacional. A outra professora tem 43 anos de idade, graduada em Letras/Literatura, pós-graduada em Psicopedagogia e 15 anos de atuação na área educacional. E, também, 52 (cinquenta e dois) alunos de duas turmas, com faixa etária entre 12 a 14 anos. Destes, 26 são meninas e 26 meninos.

## 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 3.1 QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS

O questionário direcionado às professoras de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental constitui-se por 10 (dez) perguntas, que envolvem aspectos voltados às práticas metodológicas aplicadas pelos profissionais que viabilizem a formação de um ambiente propício para o desenvolvimento da prática de leitura aos alunos. Inicialmente, foram indagadas quanto à sua concepção de leitura. Apresenta-se, aqui, apenas um recorte com a transcrição das respostas na íntegra das três primeiras questões do questionário aplicado às docentes. As respostas foram transcritas, conforme o quadro 01, e as professoras identificadas por P1 e P2.

Nota-se que, há de fato um esclarecimento sobre o questionamento realizado, pois a leitura não é apenas fazer com que o aluno faça uso do que aprendeu através de atos mecanizados e/ou reprodutivos. Ou seja, o aluno aprende a ler e escrever na escola e pode estar fazendo uso dessa prática na sua vida cotidiana, tendo a

capacidade de contextualizar ao desenvolver questionamentos sobre o que está lendo.

**Quadro 01** – Respostas dos docentes da pergunta 01.

Pergunta	Professora	Respostas
O que você entende por leitura?	P1	<i>“É o processo pelo qual o aluno aprende a decodificar códigos, interpretá-los e utilizá-los de maneira coerente. Através da leitura o aluno descobre novos caminhos, viaja na imaginação e interage melhor com os colegas”.</i>
	P2	<i>“Através da leitura e de nossa visão de mundo conseguimos o domínio da palavra e por meio dela, que conseguimos trocar ideias e conhecimentos, sendo assim possível entender o mundo em que vivemos”.</i>

A esse respeito, Rauen (2008) afirma que, ler representa não apenas uma condição intelectual, mas também uma condição de libertação, tendo em vista que o leitor passa a ser mais autônomo e crítico independente do tipo de texto, linguagem e/ou assunto a ser abordado. Logo, ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história e ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político.

Em seguida, quadro 02, as professoras ao indicarem quais leituras específicas trabalham, a P1 afirmou desenvolver atividades com contos, fábulas e literatura infanto-juvenil. No entanto, não foi possível observar uma clareza quanto à sua escolha ser a mais indicada. Já a P2 afirmou trabalhar com textos que abrangem os diferentes gêneros, haja vista que proporcionam aos alunos diversas formas de aprendizagem.

**Quadro 02** – Respostas dos docentes da pergunta 02.

Pergunta	Professora	Respostas
Você trabalha com uma concepção de leitura específica com os alunos? Qual? Por que essa concepção seria a mais indicada?	P1	<i>“Para o ensino fundamental II usamos os paradidáticos que envolvem contos, fábulas e literatura infanto-juvenil. Creio de seja a mais indicada”.</i>
	P2	<i>“Trabalho com textos de diferentes gêneros, acredito que seja o mais indicado porque os alunos devem ler e entender vários tipos de textos para entender diferentes propósitos”.</i>

Para Ebert (2006) é importante que a seleção de gêneros respeite o conhecimento prévio do aluno, mas que também oportunize novos conhecimentos.

Assim, o professor pode levar para a sala de aula os gêneros já conhecidos pelo aluno e também outros até então desconhecidos, oportunizando novos conhecimentos. O professor precisa identificar quais gêneros são mais adequados ao desenvolvimento do trabalho escolar.

Santos (2011) ressalta que é de suma importância o professor trabalhar os diversos gêneros que fazem parte do cotidiano, para que os alunos possam compreender que o texto é construído diariamente nos momentos de comunicação tanto escrito quanto oralmente. Percebeu-se que ambas se consideram leitoras, principalmente, pelo fato de a disciplina exigir delas a prática da leitura diariamente, conforme quadro 03. Neste sentido, Cavalcante, Oliveira e Caldas (2009) destacam que, a leitura é fator essencial no desenvolvimento de sua identidade e constitui assim um instrumento de sua prática, em que o professor será o mediador de conhecimento que acontece no processo ensino/aprendizado, que deve acontecer a partir de sua autoavaliação, de aprender a aprender no que se ensina descobrindo assim um novo jeito de ler o mundo de forma singular, mas que também possa contemplar o todo que está ao seu redor. Constâncio et al (2010) também concorda que o professor deve ser um modelo de leitor para os seus alunos, pois o docente que não pratica o ato da leitura, dificilmente conseguirá fazer com que os seus alunos se motivem às leituras e a construam hábitos leitores.

**Quadro 03** – Respostas dos docentes da pergunta 03.

<b>Pergunta</b>	<b>Professora</b>	<b>Respostas</b>
<b>Você se considera leitora? Justifique.</b>	P1	<i>“Sim. Pelo fato de ter escolhido trabalhar na disciplina de letras, a leitura sempre veio contribuir para isso, pois, o professor precisa todo tempo estar a par de novos assuntos que possam contribuir para a aprendizagem em sala de aula”.</i>
	P2	<i>“Sim. Dou muita importância a leitura, já li e leio muita coisa e sempre procuro estar a par das novidades que envolvem a disciplina em que leciono”.</i>

No que se refere aos instrumentos de estímulo à leitura em sala de aula, a P2 afirmou apenas ler para/com os alunos. Já a P1, além desta prática, realiza discussões e/ou seminários, pede trabalhos escritos e utiliza jogos que envolvem a leitura. É importante refletir que, para se estimular a formação do hábito da leitura de alunos o professor deve demonstrar seu interesse, precisa revelar-se um leitor. A seleção do material e, conseqüentemente, a seqüência didática estabelecida pelo profissional são também determinantes para que seja despertado no aluno o

interesse pelo conteúdo abordado. A partir daí, sua leitura torna-se prazerosa e não imposta. Logo, ao propor as rodas de conversa é possível fazer com que o aluno tenha um contato satisfatório com a leitura.

As profissionais afirmam que, durante as aulas são proporcionadas práticas leitoras por meio de diferentes textos para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, conforme já foi possível observar anteriormente. Rauen (2008) salienta que, o educador deve saber o quanto sua prática e ação em sala de aula são importantes e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. Logo, a importância em disponibilizar aos alunos atividades sob várias concepções de leitura.

Quanto ao desenvolvimento de projetos de leitura dentro e fora de sala de aula, ambas afirmam que a escola desenvolve. No entanto, a P2 afirmou não realizar estas atividades. Segundo Constâncio et al (2010), Durante o desenvolvimento de um projeto de leitura na escola, busca-se relacionar a linguagem oral e a escrita, a leitura e a produção de textos, desse modo, o ato de ler torna-se significativo ao aluno.

No que se refere a ambientes propícios à prática da leitura, as entrevistadas afirmam que a escola tem espaços, tais como biblioteca e sala de leitura. Neste sentido, os PCN (BRASIL, 1997, p. 58) destacam que, “formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, [...] para o desenvolvimento e o gosto pela leitura”. Entretanto, algumas dessas condições é “dispor de uma boa biblioteca na escola; com um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura”.

Em sala de aula, quando o aluno não lê a atividade proposta, a P1 afirmou conversar com o aluno passando a ele confiança e o deixando a vontade para ler naquele ou em outro momento; e, incentiva o mesmo a gostar da leitura utilizando textos pequenos ou gravuras para que crie uma história. Já a P2, estimula o aluno de outra forma, na maioria das vezes, prometendo aumentar a nota.

Por fim, os entrevistados deveriam apontar três fatores que representam como sendo as principais dificuldades para a formação da prática de leitura tanto dentro quanto fora de sala de aula. O desinteresse dos alunos pela leitura e a falta de incentivo da família foram indicadas pelas entrevistadas. Apenas a P2 indicou um terceiro fator, que consiste na situação de alguns alunos, mesmo estando no ensino fundamental II, não realizarem atividades com a leitura de maneira autônoma. Pois,

segundo a professora, muitas vezes os alunos avançam para uma série seguinte “*sem nem saber ler*”.

Portanto, diante deste cenário, Araújo (2010) afirma que, desde a infância, as pessoas precisam sentir o gosto que a leitura tem, e isso só é possível com o incentivo da família e de ações que a escola proporciona a elas. Pois, ao se compreender o que realmente o ato de ler significa, constitui-se o prazer por usufruí-la.

#### 4.2 QUESTIONÁRIO APLICADO AO ALUNO

O questionário direcionado aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental constitui-se por 11 (onze) perguntas, que envolvem aspectos voltados à sua concepção de leitura, hábitos de leitura e às práticas metodológicas aplicadas pelos seus professores que viabilizem a formação de um ambiente propício para o desenvolvimento da prática de leitura na escola. Inicialmente, foram indagadas quanto à sua concepção de leitura. A maioria afirmou ser uma prática importante para adquirir conhecimento, imaginação e se comunicar com as pessoas. Apenas 2 (dois) alunos não responderam e 1 (um) afirmou que a leitura não apresenta significados para a sua vida. Para explicitar esta realidade, as respostas de 3 (três) alunos foram transcritas, conforme o quadro 04, e os alunos identificados por A1, A2 e A3.

**Quadro 04** – Respostas dos discentes à pergunta 01.

Pergunta	Aluno (a)	Respostas
<b>O que é leitura para você?</b>	A1	<i>“A leitura pra mim é como se fosse um meio de entretenimento e conhecimento do mundo a fora por isso a leitura é importante não só pra mim mas para as outras pessoas do mundo todo”.</i>
	A2	<i>“A leitura é algo muito importante pra qualquer um tipo de aluno porque sem ela não seria possível mandar nenhum bilhete, mensagem de texto etc”.</i>
	A3	<i>“Praticamente nada, porque eu não de ler frequentemente, então por esse motivo a leitura não significa muito pra mim”.</i>

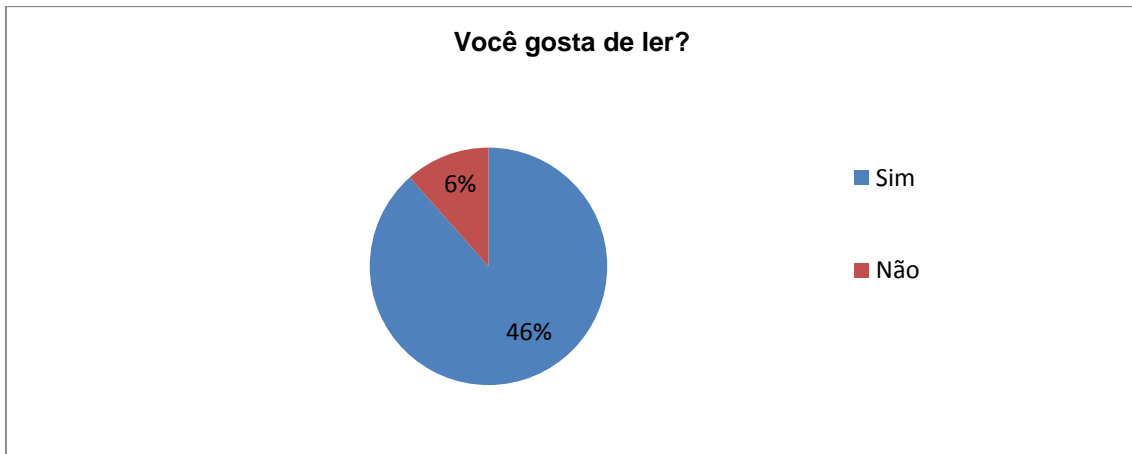
Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

Apenas seis alunos afirmaram não gostar de ler (gráfico 01). No entanto, apesar de a maioria afirmar o contrário, observa-se que, não a praticam (gráfico 02). Para Araújo (2010) a vivência do ato de ler proporciona bem estar, satisfação e



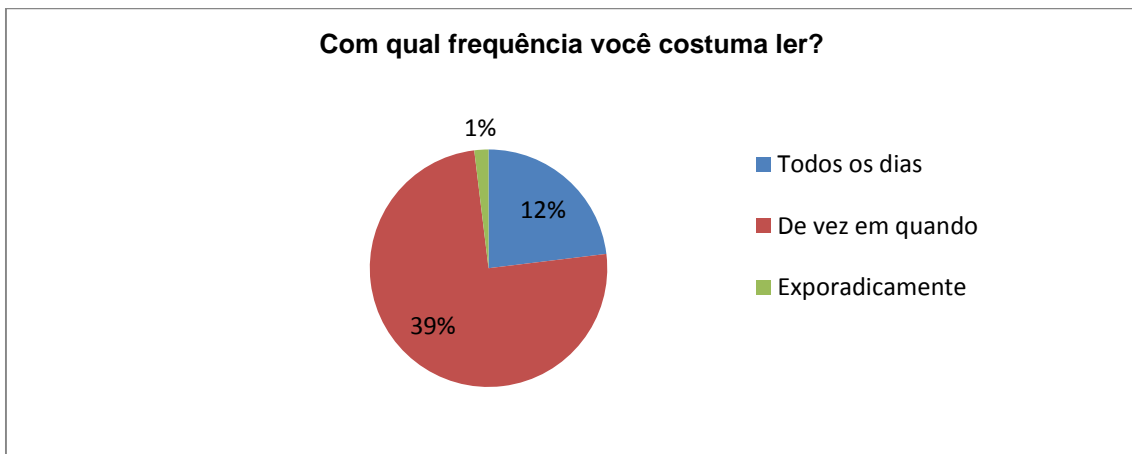
gosto, quando é feita com assiduidade, e passa a ser um exercício desprovido de obrigação.

**Gráfico 01** – Respostas dos discentes à pergunta 02.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

**Gráfico 02** – Respostas dos discentes à pergunta 03.

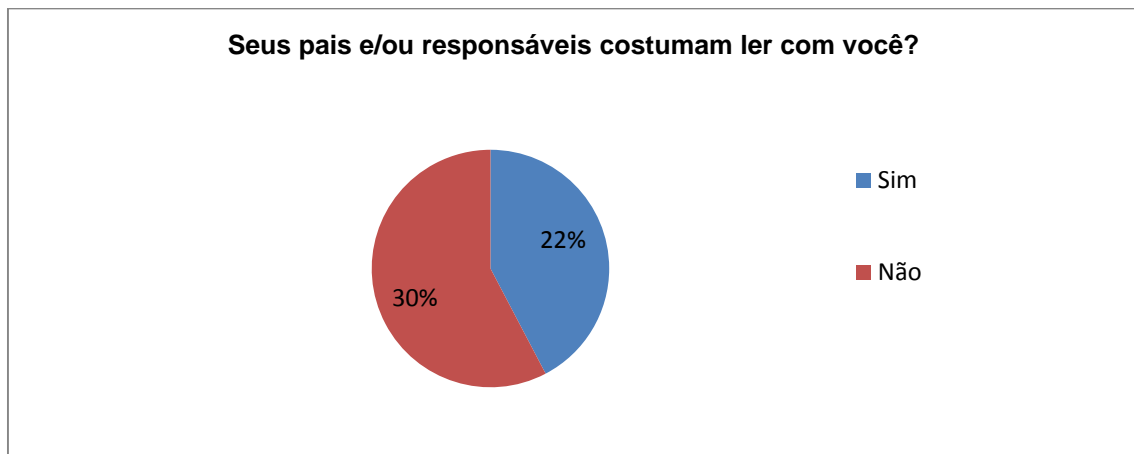


Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

Neste sentido, para que a prática da leitura perdure, é preciso uma permanente busca, como pode ser visto nas palavras de Freire (2008, p.16) “[...] a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática”. Segundo Araújo (2010), desde a infância, as pessoas precisam sentir o gosto que a leitura tem, e isso só é possível com o incentivo da família e de ações que a escola proporciona a elas. Pois, ao se compreender o que realmente o ato de ler significa, constitui-se o prazer por usufruí-la. Porém, não é só o prazer que se constitui, mas pode surgir um novo ser liberto, que é capaz de transformar a si e as condições que o cercam, já que a leitura nunca é um processo passivo ou neutro.

Considerando que o papel da família é imprescindível para o sucesso do aluno no desenvolvimento das suas atividades educacionais, o gráfico 03 mostra que, a maioria dos alunos não tem a prática de leitura com pais e/ou familiares. A esse respeito, ao comentar sobre o dever da família com o processo da escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar. Leite e Gomes (2003) destacam, a Política Nacional de Educação Especial, que tem como umas de suas diretrizes gerais adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno; e, o Plano Nacional de Educação (aprovado pela lei nº 10172/2007), que define como uma de suas diretrizes a implantação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família).

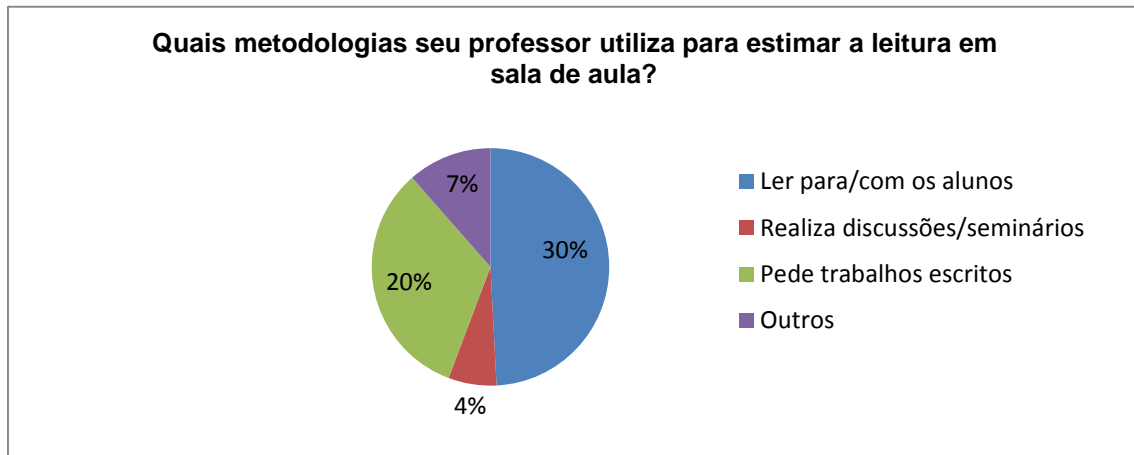
**Gráfico 03** – Respostas dos discentes à pergunta 04.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

No que se refere às metodologias utilizadas pelas professoras para estimular a leitura em sala de aula, a mais indicada pelos alunos foi “ler para/com os alunos”, seguido por “pede trabalhos escritos”, “realiza discussões/seminários” e, por fim, “outros”, conforme gráfico 04. Neste último, os alunos não apontaram quais seriam as outras alternativas adotadas pelas professoras.

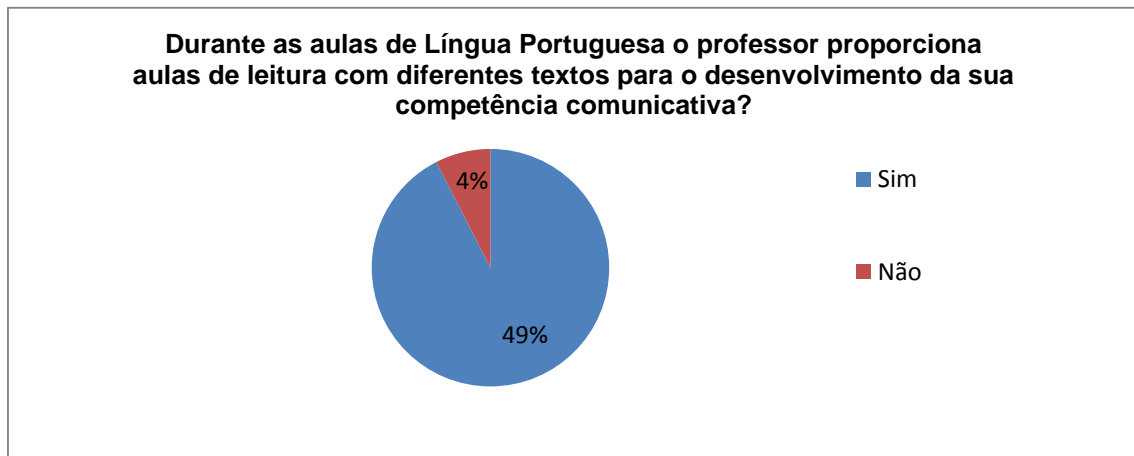
**Gráfico 04** – Respostas dos discentes à pergunta 05.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

A maioria dos alunos destaca que as professoras disponibilizam diferentes textos para o desenvolvimento da competência comunicativa deles no gráfico 05 abaixo. É de suma importância que, os alunos realizem atividades com diferentes gêneros textuais. Desse modo, será possível aos discentes perceberem que o texto é construído diariamente nos momentos de comunicação tanto escrita quanto oral.

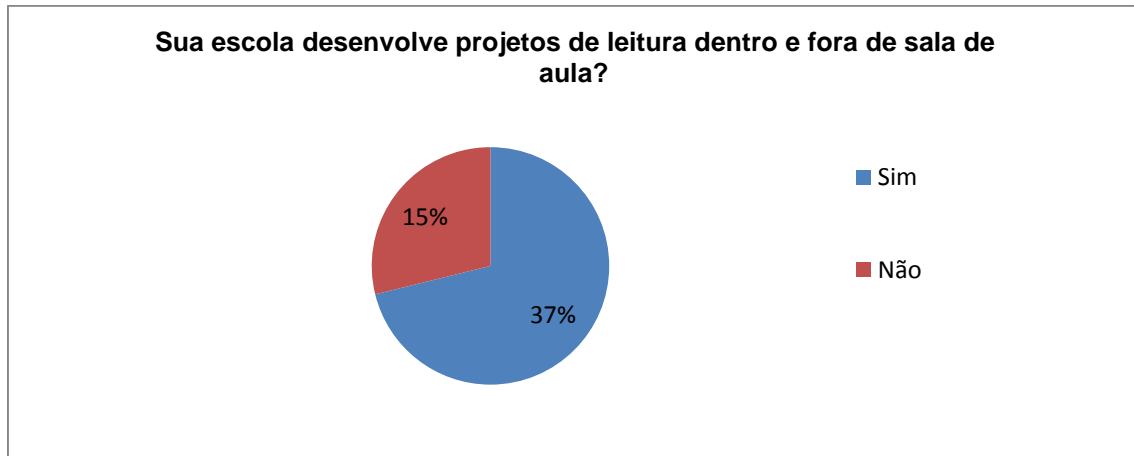
**Gráfico 05** – Respostas dos discentes à pergunta 06.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

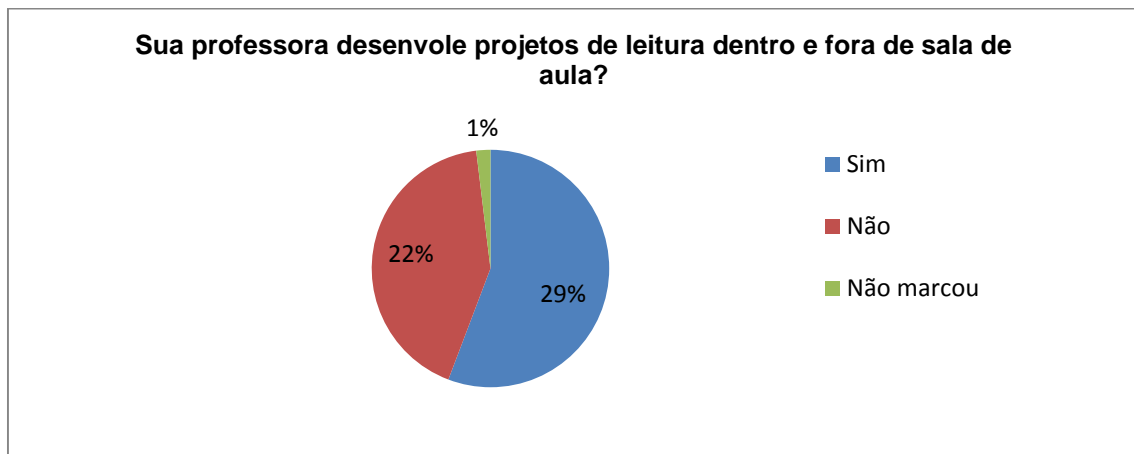
De acordo com os gráficos 06 e 07, respectivamente, apesar de a maioria dos alunos afirmar que a escola e as professoras desenvolvem projetos de leitura dentro e fora de sala de aula, um número significativo destaca o contrário.

**Gráfico 06** – Respostas dos discentes à pergunta 07.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

**Gráfico 07** – Respostas dos discentes à pergunta 08.



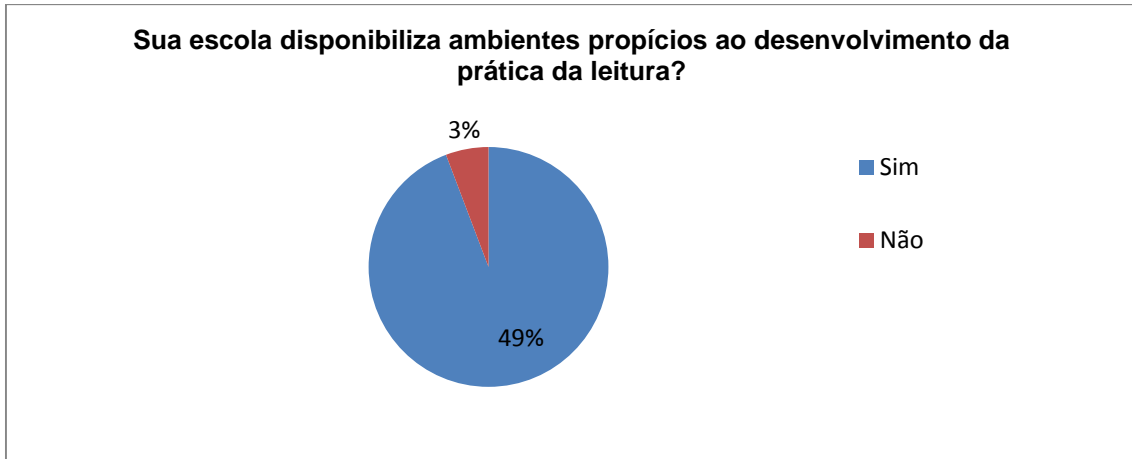
Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

Nota-se que, sob a perspectiva dos alunos, a escola disponibiliza ambientes propícios ao desenvolvimento da prática da leitura, tais como a biblioteca e a sala de leitura, conforme os gráficos 08 e 09. Vale ressaltar que, a biblioteca escolar tem a função de dar apoio, servir de base aos objetivos da escola e oferecer materiais para todos os temas de interesse de professores e alunos.

Segundo Wisniewski e Polak (2009), esse espaço, que muitas vezes, é visto como algo secundário deveria ser essencial no ambiente escolar. No entanto, os dados comprovam que, na escola campo, a biblioteca tem papel fundamental para a prática da leitura dos alunos. Ainda a esse respeito, Freire (2008) afirma que, para

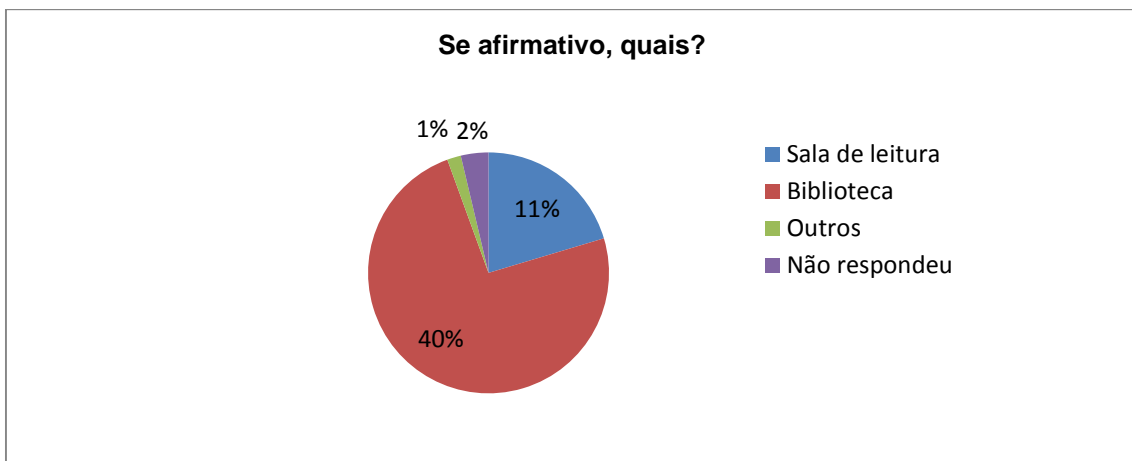
tal prática, a biblioteca é um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam usufruir de seus livros como fonte de experiência, formando assim, cidadãos leitores.

**Gráfico 08** – Respostas dos discentes à pergunta 09.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

**Gráfico 09** – Respostas dos discentes à pergunta 09.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

Os alunos destacam que, quando não leem a atividade proposta pela professora, a educadora, na maioria das vezes, espera que os alunos adquiram confiança e façam a leitura em outro momento. Entretanto, uma quantidade significativa de alunos, gráfico 10, afirma que a professora os obriga ler.

Viccini (2011) esclarece que, o professor pode iniciar a leitura pausadamente, comentando aspectos interessantes do texto e, até mesmo, entremear com questões, sempre provocando a curiosidade do leitor para saber o que irá acontecer no decorrer da narrativa. Logo, não será preciso obrigar os alunos a lerem, oferecer a leitura é mais adequado, se eles gostaram da novidade, certamente vão se dispor a dividir a leitura ou a tecer comentários. Evidente que eles não terão a preparação

da leitura feita anteriormente pelo mediador, mas ainda assim a participação é válida e motivadora aos demais.

**Gráfico 10** – Respostas dos discentes à pergunta 10.

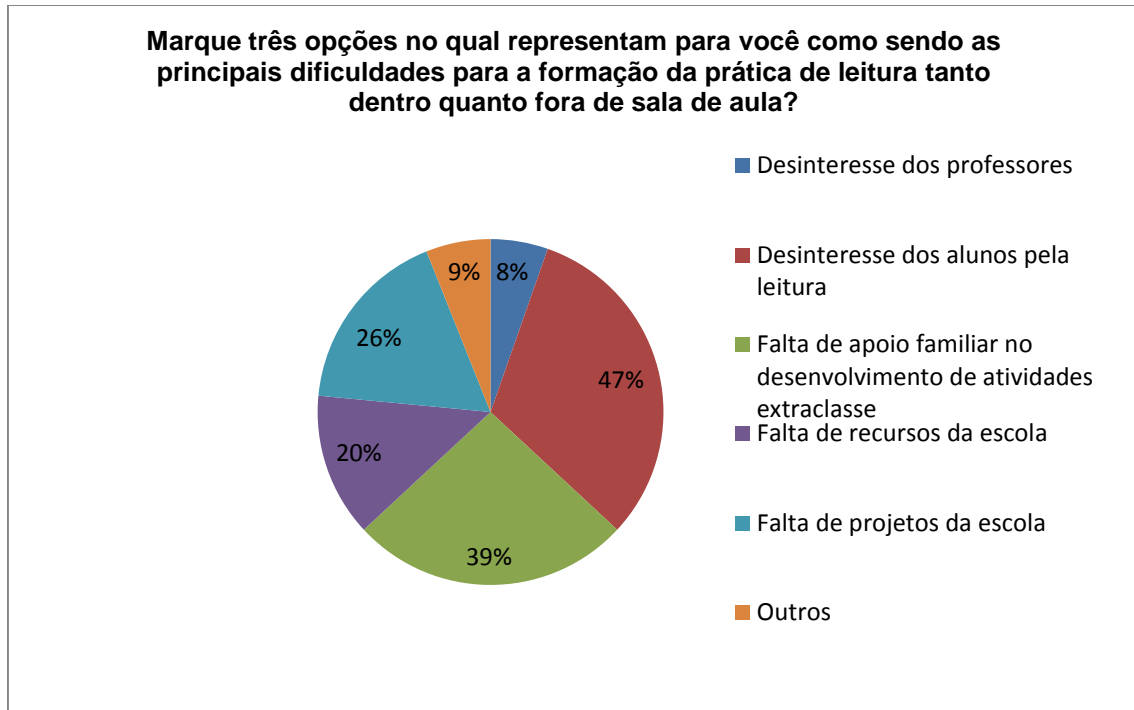


Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

Por fim, no que se refere às principais dificuldades para a formação da prática de leitura tanto dentro quanto fora de sala de aula, os alunos deveriam indicar, numa escala de prioridade, três opções como sendo as principais. A mais indicada foi o desinteresse dos próprios alunos pela leitura, seguido pela falta de apoio familiar no desenvolvimento das atividades extraclasse e, falta de projetos da escola. É de suma importância que pais e professores assumam o papel de incentivadores da leitura proficiente de seus alunos e filhos, pois o desenvolvimento do ato leitor ocorre principalmente quando a criança interage com leitores maduros, que leem para ela e com ela, permitindo-lhe familiarizar-se e envolver-se com o que lê (CONSTÂNCIO et al, 2010).

Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores. Ou seja, ela deve direcionar o seu trabalho para práticas, cujo objetivo não seja apenas o ensino de leitura em si, mas desenvolver nos alunos a capacidade de fazerem uso da leitura, (como também, da escrita), para que eles possam enfrentar os desafios da vida em sociedade, e, a partir do conhecimento adquirido, tenham possibilidades de continuarem os seus processos de aprendizado, de forma autônoma, e de terem um bom desempenho na sociedade, ao longo de suas vidas.

**Gráfico 11** – Respostas dos discentes à pergunta 11.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

### 3.3 ANÁLISE CRÍTICO-COMPARATIVA ENTRE AS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Dentre os resultados encontrados, é importante refletir sobre os seguintes aspectos:

- Sobre a metodologia utilizada pelas professoras para estimular a leitura em sala de aula, percebeu-se que há um consenso entre as respostas das participantes da pesquisa, haja vista que, os instrumentos apontados pelas profissionais são os mesmos indicados pelos discentes;
- Em relação ao desenvolvimento de projetos de leitura dentro e fora de sala de aula pelas professoras, notou-se que apenas uma professora afirmou desenvolver os projetos, no entanto, um número significativo de alunos contradiz esta informação;
- Ainda no que diz respeito ao desenvolvimento de projetos de leitura dentro e fora de sala de aula pela escola, observou-se que ambas as professoras afirmaram

que a escola desenvolve os projetos, porém, um número significativo de alunos contradiz esta informação;

- Sobre as práticas leitoras por meio de diferentes textos em sala de aula, a pesquisa demonstra que há um consenso entre as respostas dos participantes da pesquisa;

- Em se tratando dos ambientes propícios à leitura na escola, os participantes da pesquisa apontam a biblioteca e a sala de leitura como os ambientes disponibilizados pela escola;

- Em termo da metodologia utilizada pela professora quando o aluno não lê e/ou não gosta de ler, explicitou-se com o estudo que mesmo as professoras afirmando que conversam com o aluno, passando a ele confiança para ler naquele ou em outro momento e incentivá-los a gostar da leitura, uma quantidade significativa de alunos deixou claro que a professora os obriga a ler;

- E ao se levar em consideração as principais dificuldades apresentadas para a formação da prática da leitura tanto dentro quanto fora de sala de aula, as principais dificuldades apontadas pelas professoras consistem no desinteresse dos alunos, na falta de incentivo da família e na falta de autonomia dos alunos em ler. Apenas este último não coincide com os indicados pelos alunos, sendo o terceiro a falta de projetos da escola. No entanto, como discutido anteriormente, a maioria dos alunos afirmou que a escola realiza projetos de leitura como forma de incentivar sua prática entre os discentes.

Tendo em vista os resultados apontados, é possível afirmar que, o objetivo geral deste estudo foi alcançado. Pois, através dos questionários analisaram-se as práticas metodológicas aplicadas pelos docentes, assim como suas estratégias apresentadas tanto dentro quanto fora de sala de aula. Entretanto, a hipótese de que a escola pesquisada tem cumprido com o seu papel na formação de leitores críticos e reflexivos, do Ensino Fundamental, tanto na disponibilidade de recursos didáticos quanto na atuação pedagógica de seus profissionais não pôde ser comprovada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como já explicitado, anteriormente, a partir dos dados apresentados, é possível afirmar que escola da rede pública estadual, lócus da pesquisa, enquanto instituição responsável pela formação cultural e de desenvolvimento da competência



leitora e escrita, não tem cumprido com o seu papel na formação de leitores críticos e reflexivos, do Ensino Fundamental, visto que as docentes, que fazem parte do deste estudo, não desenvolverem de forma eficiente os projetos de leitura disponibilizados pela escola, assim como ainda estarem voltadas para metodologias tradicionais, não direcionadas ao estímulo da leitura sob a ótica de diferentes gêneros textuais, pois, apesar de os projetos de leitura serem citados pelos participantes da pesquisa, nenhum projeto foi especificamente relatado por eles. Além disso, uma quantidade significativa de alunos afirmou que são obrigados a ler, e essa atitude docente não condiz com uma prática pedagógica que viabiliza a formação de um ambiente propício a leitura entre os discentes. Ainda há a falta de interesse dos alunos e de incentivo dos familiares, que se colocam como obstáculos para o desenvolvimento de uma prática de leitura efetiva na escola.

Dessa maneira, a fim de que os alunos se tornem leitores proficientes, a escola deve desenvolver uma prática da leitura, considerada instrumento de apropriação de conhecimentos, que venha a contribuir para o desenvolvimento da autonomia do aluno, de maneira que o estudante possa atuar na sociedade com plena cidadania. Portanto, a leitura é muito mais do que um instrumento escolar de decodificação de sons e símbolos. Assim, este estudo contribuiu para que reflexões, acerca da importância da leitura e o ato de ler no processo de ensino aprendizagem do aluno fossem realizadas. Entretanto, este é apenas um começo para que futuras discussões ocorram, visando avaliar tanto a prática de docentes na sociedade amapaense, na perspectiva de estimular prática de leitura dos alunos, levando sempre em consideração que a Educação está em constante processo de adaptação.

### **ABSTRACT**

This article entitled "The formation of readers in the 7th year of elementary school: reflection on the methodological practices of two Portuguese-speaking teachers of a state school in Macapá / AP" has as general objective to analyze if the methodological practices applied by two teachers of 7 Year of a state school in the capital of the state of Amapa make it possible to create an environment conducive to the development of reading practice for students in two 7th grade classes. The research is anchored in the following problem: Which methodological practices used by a state school in the capital amapaense make possible the creation of an environment conducive to the development of the reading practice of 7th grade students? The investigation starts from the hypothesis that the state school investigated, as an institution responsible for the cultural formation and development of the reading and writing competence, has not fulfilled its role in the formation of critical and reflexive readers of

Elementary School, both in the availability of Didactic resources and the pedagogical performance of its professionals. The research that is characterized as a bibliographical and descriptive field, of a qualitative and quantitative nature, was developed in the school through questionnaires applied to two Portuguese Language teachers and students from two 7th grade classes. The results of the study demonstrate that the researched school as an institution responsible for cultural formation and development of reading and writing competence has not fulfilled its role in the formation of critical and reflective readers.

**Keywords:** Formation of readers. Elementary School. Methodological practices. Teachers of Portuguese Language. Students.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. N. **Gostar de ler: mapeamento de leitura junto a alunos da 4ª série.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 31, n. 1, p. 3-24, 2010.

ALBUQUERQUE, E. B. C. de. **Conceituando alfabetização e letramento.** In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais:** tipificação e interação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa:** o trabalho com gêneros textuais na sala de aula: ano 01, unidade 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTE, M. J. F.; OLIVEIRA, K. M. A.; CALDAS, I. F. P. **O professor leitor e sua formação: um olhar sobre o curso de pedagogia,** 2009.

CONSTÂNCIO, A. S. O. et al. **A importância do incentivo ao hábito da leitura.** XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2010.

COSCARELLI, C. V. **Gêneros textuais na escola.** Juiz de Fora: Ensino, 2007.

DELMANTO, Dileta. A leitura em sala de aula. **Construir Notícias,** Recife, ano 08, n. 45, p. 24-26, mar./abril. 2009.

EBERT, S. L. F. **A relação letramento e gêneros textuais na alfabetização de jovens e adultos.** Cadernos FAPA - N. Especial VI Fórum FAPA, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam.** 49 ed., São Paulo: Cortez, 2008.

GERALDI, J. W. (Org.) et al. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEITE, E. G.; GOMES, H. M. G. **O papel da família e da escola na aprendizagem escolar: Uma análise na Escola Municipal José Teobaldo de Azevedo no Município de Limoeiro-PE**. Pernambuco: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2003.

MELENDES, M. F.; SILVA, R. J. **A formação de leitor no ensino fundamental: os Parâmetros Curriculares Nacionais e o cotidiano das escolas**. Revista Eletrônica de Educação. Ano II, No. 03, ago./dez. 2008.

NEVES, L. F. **Tratamento dos gêneros textuais em um livro didático de alfabetização**, 2011.

RAUEN, A. R. F. **Práticas pedagógicas que estimulam a leitura**, 2008.

ROCHA, T. B. **Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental: implicações para a formação do leitor crítico**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo. 2008.

SÁ, S. M. **A leitura do mundo: o processo de formação de leitores nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

SANTOS, A. S. **Os gêneros textuais na sala de aula: a reportagem**. Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano V - Nº XI- JUL / 2011.

SANTOS, C. F. **O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros**. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. **Diversidade Textual: Gêneros Em Sala De Aula**, 2007.

SCHUTZ, M. D.; MÉA, C. H. P. D.; GONÇALVES, L. I. **Concepções de leitura – reflexões sobre a formação do leitor**. *Disc. Scientia*. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 55-76, 2009.

SILVA, J. A. **Discutindo sobre leitura**. Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP, v. 1, n. 1, 2013.

VICCINI, C. G. **Professor mediador, aluno leitor**. X Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

WISNIEWSKI, I.; POLAK, A. **Biblioteca: contribuições para a formação do leitor**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009.